



HIDECO veste de negro e usa xaile pelos ombros. Nada, nem a postura, a desvia do «sentir» do fado

cada, aprendeu-a em Braga, na Universidade do Minho. «Era mais barato que Lisboa. Fiquei lá oito meses e depois mudou-se para o Bairro Alto.» Ninguém na família tem qualquer ligação a Portugal. Só ele. Uma relação que não sabe explicar, só sentir: «Quando estou em Lisboa, tenho saudades de Lisboa. Mas quando estou em Lisboa, quase não me lembro do Japão.» E continua a sorrir.

Hideco Tsuquida tenta levantar-se todos os dias às seis da manhã. É o vício solitário de nadar que a faz sair da cama tão cedo. Canta mais de cem fados portugueses e hoje, como há 25 anos (quando um amigo lhe ofereceu um LP da fadista), diz: «Para mim, só existe Amália. Tem uma voz única, muito quente, mostra travas sentimentos.»

«**Cheia de penas**, cheia de penas...» A fadista atira a cabeça para trás. Mencia-a, obrigando os cabelos a seguir o movimento. Tem os braços abertos, esticados. Magra, marcada pelos anos (vai nos 56), entoando os versos que Amália immortalizou. Nota-se a diferença no sotaque do português. Depressa passa. Na plateia, quase todos passaram os 50 anos, ouvem-na, olhos fechados para ajudar a concentrar e sentir a música. Pagaram três mil ienes (cerca de 18 euros) para estar. Aos últimos acordes, soltam-se palmas e uma senhora atira um «Bravo!».

Taku volta ao palco, também ele a aplaudir. Elogia Hideco, pede mais palmas, aponta para os músicos, passa a mão pelo rabo-de-cavalo e vira-se para o público, repetindo o ritual que antecedeu as três músicas anteriores. «Lisboa. Fado... Portugal» são palavras perceptíveis. Está a explicar aos espectadores

Ele está no palco, uma mão no bolso e outra no microfone. Veste um fato cinzento, camisa preta, gravata creme a puxar para o amarelo. A cabeça pende para o lado,

os olhos permanecem fechados.

Ela está no meio do público, parada, ao fundo da sala. Veste de negro, como manda a ocasião, traz um xaile pelos ombros e o cabelo solto, longo até meio das costas. Começa a andar.

Os músicos estão curvados sobre a viola e a guitarra portuguesa. Sacam as primeiras notas de «Lágrima».

Duas centenas de pessoas aplaudem-na à medida que passa. Alti-va, caminha com a confiança de 20 anos de carreira. Um, dois degraus e ele estende-lhe a

mão. Faz uma vénia cerimoniosa e recua para longe das luzes, desaparecendo atrás das cortinas verdes, fingidas de preto pela escuridão. A noite de fados começou há quinze minutos, em Urawa, nos arredores de Tóquio, Japão.

Takuya Takayanagi gosta que lhe chamem Taku. Tem 33 anos, 12 de fado. Estava numa loja de música quando deparou com um CD de Amália Rodrigues. «Fiquei apaixonado», assegura, em bom português. Não pára de sorrir. Como uma criança. Gosta de falar esta língua compli-

Pagaram 3000 ienes (18 euros) para ouvir

Hideco e Taku nos sons que Amália immortalizou